



Entrevista com Sylvio Back

Sylvio Back é natural de Blumenau, Santa Catarina. É cineasta, poeta, roteirista e escritor. Começou a trabalhar com direção cinematográfica em 1962. Realizou, até hoje, doze longas-metragens e mais de trinta curtas e médias-metragens. Suas produções mais recentes são **“O Contestado – Restos Mortais”** (2010) e **“O Universo Graciliano”** (2013). Em 2012 foi eleito para o **PEN Clube**, prestigiado organismo internacional de escritores.

Confira a entrevista feita por e-mail para o site da EFAP:

Como recebeu a notícia de que havia sido selecionado para a edição deste ano do “É Tudo Verdade”, maior festival de documentários do Brasil?

Sim, foi uma bela surpresa, já que, em três anos, é a segunda seleção para o festival. Em 2010, o longa-metragem “O Contestado – Restos Mortais” também esteve na competição com grande sucesso de público e de mídia. A destacar que em 1995 participei pela primeira vez com “Zweig: A Morte em Cena”, média-metragem que realizei para a TV alemã como uma espécie de “ensaio geral” para o longa-metragem “Lost Zweig” (2003), uma experiência até então inédita no Brasil.

Como foi o processo de pesquisa para o documentário “O Universo Graciliano”? Tem alguma história saborosa de bastidor para nos contar?

Perdi o número de viagens a Alagoas, ao território “Graciliano” (Quebrangulo, onde nasceu; Buíque (PE); Viçosa e Palmeira dos Índios, onde foi prefeito) e, aqui no Rio de Janeiro, no enalço de rastros, sombras e escombros memoriais sobre o genial escritor. Captei as soberbas lembranças de duas dezenas de velhos e macróbios extraordinários (a idade média do meu elenco gira em torno de 90 anos), envoltos na neblina e no imponderável que habitam o nosso pretérito. É sabido que toda vez que voltamos ao passado, ele aparece diferente. E quem conta um conto, aumenta um ponto... Assim, gostaria de manter o suspense sobre homens, mentes e sentimentos que assomam à tona, ecos da vida-obra-e-morte de Graciliano Ramos (1892-1953) agora tornados cinema! O passado em “O Universo Graciliano” ressoa como uma espécie de permanente “futuro do pretérito”, aliás, todo romance “Angústia” é escrito por Graciliano nesse fascinante registro.

Desde outubro do ano passado, data que comemorou os 120 anos de nascimento do escritor, Graciliano vem sendo homenageado em uma série de eventos culturais, como acontecerá em julho na próxima edição da Feira Literária de Paraty. O seu documentário também é uma homenagem ao escritor?

A data redonda dos sessenta anos de morte em 2013 e dos 120 anos de nascimento em 2012, nem a homenagem a ele na próxima FLIP, não estavam no meu horizonte mental quando pensei em realizar “O Universo Graciliano”. Nas pesquisas literárias e de campo em Maceió e no Agreste alagoano para escrever o roteiro de “A Angústia”, me dei conta de que até então um dos maiores escritores do país ainda não fora biografado na tela. Então, recenseando contemporâneos vivos, e arrematando vasto repertório iconográfico (fixo e em movimento), além de músicas de compositores alagoanos, senti que poderia imiscuir-me nessa personalidade multifacética que jamais se deixou conhecer fora dos seus romances e contos. Lá ele sempre está por inteiro. Agora, acredito, em “O Universo

Graciliano”, feito um holograma, o escritor é desvelado a partir de um incrível imaginário sobrevivente em torno dele.

Quando e como surgiu o interesse pela obra e vida de Graciliano Ramos?

Como e quando tudo começou? Em que momento Graciliano Ramos teria me conflagrado a ponto de hoje eu assinar este resgate existencial, por todas as razões, inescapável da minha biografia? Antes de cineasta, eu sonhava ser escritor. Na verdade, como anunciavam os diretores-inventores da *Nouvelle Vague* (Jean-Luc Godard, Louis Malle, Claude Chabrol, François Truffaut), ao longo dos anos 1950, cineasta seria alguém que “escreve com a câmera” (*caméra-stylo* (caneta)). No fundo, a fada madrinha do cinema já estava de olho em mim! Naquela época eu morava em Paranaguá, litoral do Paraná, onde a família tinha um hotel (não é à toa que “Aleluia, Gretchen”, meu terceiro longa-metragem, de 1976, se passa num hotel...). E, como se estivesse escrito, ora direis, a única livraria da cidade expôs na vitrina os quatro volumes, com capa dura cor de vinho, o também único conjunto da obra póstuma (1954) de Graciliano Ramos, “Memórias do Cárcere”. Minha mãe, inveterada leitora, curtindo meu desejo literário, foi lá e, de surpresa, com aquele belo sorriso do gozo intelectual, me presenteou o inesquecível acepipe. Desde então, Graciliano grudou na memória, na retina e nos fotogramas. Agora, fico ruminando o que aquela alemoa apaixonada pelo Brasil diria vendo esta minha declaração de amor e destemor em “O Universo Graciliano” ao controverso escritor alagoano, tão telúrico quanto universal!

Como era o seu envolvimento com a literatura no período escolar? Leu “Vidas Secas”?

Por influência familiar, pai judeu húngaro, mãe e avós alemães, todos imigrantes, ler tinha o mesmo valor que comer e dormir, estudar e divertir-se. Livro era gênero de primeira necessidade em nossa casa. Vejo agora miragens retrospectivas de minha avó, minha mãe, encolhidas no sofá, lendo horas a fio, como se o mundo fora dali não existisse. Eram obras até escritas em alemão gótico (Thomas Mann, Nietzsche, as poesias completas de Goethe e Schiller), trazidas na bagagem deles fugindo da Alemanha nazista em 1935. Na escola, justamente, por esse influxo atávico, os escritores portugueses e brasileiros eram lidos com avidez, a começar pelo “Os Lusíadas”, de Luís de Camões. Confesso que, estrofes extraídas do poema, quando caíam na prova de Português para análise gramatical, subitamente, o prazer de ler e reler na sala de aula “... As armas e os Barões assinalados/Que da Ocidental praia Lusitana/Por mares nunca de antes navegados...”, se transformava em horror! Melhor curtir a beleza da poética camoniana, seus ritmos, riqueza de alusões, atenções e intenções, do que fazer autópsia gramatical do seu imaginário, hein? Claro, isso sempre dependia da professora: a nossa era fissurada em José de Alencar (“José de Alencar nasceu em Messejana, Ceará, em 1829 e morreu em 1877...”). Fazia questão que soubéssemos além da obra, a biografia de nossos poetas e escritores. Claro, “Vidas Secas” estava sempre lá, especialmente porque, morando no Sul, terra de imigrantes e de paisagens tipicamente europeias, a sofrida vida “Severina”, também retratada por José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Américo de Almeida, era a descoberta de um Brasil que parecia não existir. Isso, sem falar na linguagem detonadora de Graciliano Ramos, única pela segura e arquitetura verbais, e grandiosidade imagética. Basta ler Graciliano uma vez para jamais esquecer-lo!